Antonio Panizzi (1797-1879)

MARIA ROMANO SCHREIBER *

Traçadas em breves linhas a vida e a obra de Antonio Panizzi, o maior bibliotecário do British Museum, em ocasião do 1º Centenário de sua morte.

Atarracado, de basta cabeleira escura e tez morena, cara de bandido, temperamento vivo e apaixonado, assim o descrevem os biógrafos e o mostram os retratos. Foragido da nativa Modena porque censurara os austríacos e pertencia à "Carboneria", este italiano chegou a Londres em 1823 sem um "penny" para conquistar aos poucos a amizade de pessoas influentes.

Assim, quase da noite para o dia, a ele, um estrangeiro, era oferecido o cargo de *extra-assistent* bibliotecário na seção de Livros Impressos do Museu Britânico.

O primeiro trabalho que lhe confiaram foi a preparação e publicação do Catálogo da Biblioteca.

* Professor Adjunto da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Atendendo às recomendações de Panizzi, devia ser um catálogo por autor e não um catálogo classificado, como alguns dos curadores ainda almejavam, e deveria ser feito sobre normas definidas que iriam constituir a base das famosas "Noventa e uma normas" de Panizzi.

O serviço prosseguia muito bem, sob a chefia efetiva de Panizzi, quando um inquérito administrativo decretado pela House of Commons, interrompeu os trabalhos. Diante da comissão de inquérito o italiano "brabo" defendeu a necessidade de um catálogo, impressionando com sua famosa declaração de princípios: "I want a poor student to have the same means of indulging his learned curiosity, of following his rational pursuits, of consulting the same authorities, of fathoming the most intricate inquiry, as the richest man in the kingdom, as far as the books go and I contend that the Governement is bound to give him the most liberal and unlimited assistance in this respect", uma exigência absolutamente revolucionária na Inglaterra vitoriana!

Por ousado que fosse, o plano de Panizzi venceu e o Parlamento em breve votaria uma verba de L. 10.000 anuais para o Museu, tempo integral para os bibliotecários, ordenados mais satisfatórios. Tão grande era seu prestígio que, apesar de muitos inimigos criticarem sua religião, sua nacionalidade, suas idéias políticas e sua falta de qualificação, Panizzi era nomeado em 1837 chefe da Seção de Livros Impressos da Biblioteca do Museu Britânico. Muitas tarefas administrativas obsoletas foram por ele modernizadas, inovações práticas foram introduzidas para facilitar os serviços do bibliotecário e o atendimento ao leitor.

Seus esforços em consolidar a legislação do *copyright*, a aquisição de livros estrangeiros e de

incunábulos (estes especialmente através de sua amizade com Thomas Grenvill) tornaram em poucos anos a Biblioteca uma das maiores, se não a maior coleção de livros impressos do mundo.

Convencido da inviabilidade de publicar um catálogo completo da Biblioteca, Panizzi conseguiu persuadir os curadores a realizar um catálogo manuscrito, mas a tarefa por demais extensa começou a minar a saúde de um homem forte como Panizzi. A escassez de espaço para a armazenagem dos livros forçou Panizzi a reduzir o ritmo das aquisições. Além disso, os leitores não dispunham de uma sala de consulta adequada e o próprio Panizzi começou a esboçar os planos de uma sala circular de 100 pés de diâmetro em um edifício a ser construído com a aprovação do arquiteto Sidney Smirke (em Reggio Emilia, na Itália foram encontrados esboços desta Sala Redonda de próprio punho de Panizzi): em 1857 essa nova sala era aberta ao público.

Quando se tornou vago o lugar de Chefe do Museu, apesar da fama adquirida, voltaram a aparecer os antigos preconceitos contra o estrangeiro Panizzi, superados porém afinal na votação dos Trustees. Panizzi se revelou então também um grande administrador. Cioso não somente da famosa instituição que dirigia, como da situação de seus funcionários ele conseguiu elevar seus salários, estabelecer aposentadorias adequadas e planos promocionais na carreira de bibliotecário. Muito ele conseguiu através do bom relacionamento entre os Trustees, os curadores e ele próprio: como esse fogaoso italiano conseguiu se entender com os fleumáticos britânicos, nenhum biógrafo ainda explicou... Mas a verdade está na afirmação de *Sir Frank Francis* "the British Museum Library, as most of us known, is Panizzi's creation".

Ele que não constituiu família, satisfeito plenamente pelo trabalho, encontrou amigos fiéis e uma vida social plena até o fim de sua vida. Esclarecem a profundidade dessas amizades, principalmente os epistolários com o estadista inglês Gladstone e com o literato francês Mérimée. Com o primeiro o uniu o amor à literatura italiana e mais tarde (em 1850) a ajuda material que o Governo de Sua Majestade Britânica proporcionou aos refugiados e às vítimas da polícia napolitana, através de seu Primeiro Ministro Gladstone. Curiosos são os versos que esse último escreveu a Panizzi na ocasião em que se falava das demissões de Panizzi:

“Uom, fiore del mondo
per amore e per fé
che costrusse um Rotondo
piú grande di sé.
Il Museu ha perduto
uom che fu testé
suo Capo, suo Duca
suo Papa, suo Re.
E senza Panizzi
(come un'Euridice)
che fará il Museu?
che faranno i Trusté?”

O outro epistolário é aquele entre Panizzi e Mérimée, conservado infelizmente apenas nas cartas de Mérimée entre 1850 e 1870, data da morte do literato francês, e que interessa não apenas pelo fiel retrato de uma longa amizade, mas pelas relações políticas e literárias entre a Inglaterra e a França.

Parece-me que bem resumem a vida e as obras de Panizzi, as palavras a ele dedicadas por Edward Miller: “o que torna grande um indivíduo, um grande

bibliotecário, pode ser revelado examinando as vidas de Edwards, Panizzi e Dewey. Raymond Irwin comenta: se há uma lição que a história das bibliotecas pode nos ensinar, é que algo acima e além do conhecimento técnico é necessário para fazer um grande bibliotecário: uma biblioteca não pode viver só da ciência bibliotecária.

Brief outline of the life work of Antonio Panizzi, greatest librarian of the British Museum, on the First Centennial Commemoration of his death.

BIBLIOGRAFIA

- BRODHURST, Audrey C. A side-light on Panizzi in the letters of Prosper Mérimée. *The British Library Journal*, 5(1): 57-75, Spring, 1979.
- FOOT, M.R.D. Gladstone and Panizzi. *The British Library Journal*, 5(1): 48-56, Spring, 1979.
- MILLER, Edward. Prince of Librarians: the life times of Antonio Panizzi, of the British Museum, In: THOMPSON, James. *A history of the principles of Librarianship*. London, Clive Bingley, 1977.
- MILLER, Edward. Antonio Panizzi and the British Museum. *The British Library Journal*, 5(1): 1-17, Spring, 1979.
- REIDY, Denis. Some hitherto unpublishes Panizziana from Italy. *The British Library Journal*, 5(1): 37-46, Spring, 1979.